



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: *Tathaba-Lisboa* • Telefone 5339 C.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A DERROCADA

Fácilmente se acredita no que nos convém. E por isso não admiramos que as chamadas forças vivas supunham intangíveis o plano defensivo dos seus privilégios pelos tempos em fora. E mais: que tendo, de parceria com os agrupamentos políticos, conduzido o país a este estado de prosperidade e de penúria em que ele se debate queriam tomar o lugar de juízes, sentenciando de cátedra quando muito a propósito lhes cabe o lugar no banco dos réus. Entre os políticos que fizeram do Estado uma fonte perene de benefícios para as suas clientelas e as forças vivas que, merecendo das suas especulações e traficâncias, se encheram com manifesto prejuízo das populações, nós não distinguimos. A uns e outros, este povo mortificado por sofismas inenarráveis terá de pedir contas e de exercer justiça. E não vem longe a hora da reparação.

Há quem pretenda convencer-nos de que é ainda possível evitar a derrocada do que ali está. É uma ilusão. Toda a tentativa de solução do problema nacional é impossível dentro do regime preexistente.

Se a queda do regime burguês em Portugal não fosse um facto inevitável pela acção reflexa da política socialista internacional de tendências revolucionárias, só-lo-ia pela própria força das circunstâncias nacionais.

Isto não tem remédio. Há poucos dias foi apresentado ao parlamento o orçamento geral do Estado, pela leitura do qual se verifica que as receitas somam 214.441 contos, as despesas 479.748, havendo por consequência um déficit de 265.307 contos.

Do ano para ano o déficit agrava-se em algumas dezenas de milhares de contos. Se confrontarmos o total das receitas antes da guerra, em 1912-13, e actualmente, verifica-se que elas sofreram um aumento de 210 por cento que resultam dum directo agravamento das condições de vida e que as despesas, no mesmo período, aumentaram em 530 por cento.

A média da taxa do prémio do ouro, que era, antes da guerra, de 12 por cento, e já então se considerava esta situação como muito grave, está actualmente em 950 por cento. As nossas necessidades de recurso ao crédito ou à inflação fiduciária, que é também uma modalidade do crédito, não cessam nem poderão cessar, atenta a nossa situação de país de finanças avariadas com déficit crónico.

Se passarmos do déficit financeiro do Estado à análise do déficit económico da nação, o resul-

tado do exame não é mais animador.

Importávamos antes da guerra, em média anual, 75.000 contos de mercadorias contra 35.000 de mercadorias exportadas. Em 1917, já importávamos 130.000; em 1918, 180.000; em 1919, 240.000 e este ano, em 1921, só para carvão e trigo, aos preços correntes, teremos de desembolsar o melhor de 315.000 contos. Os mercados externos para os nossos vinhos e conservas acusam decadência manifestada. Não, não temos maneira de resistir a esta sangria de ouro.

A média da taxa do prémio do ouro faz que os encargos da dívida pública nos levem o melhor de 160.000 contos e só a força pública suga-nos a insignificância de 136.000 contos. Não, não há resistência possível, conjuguem ou não os esforços da Confederação Patronal, da União Nacional, da Liga Nacional, do P. R. P. com a sua nova feição republicano-social e de todas as demais chafaricas havidas e por haver neste país de imbecis e de cretinos.

Há ainda uma esperança para muitos — o regresso à vida activa da política do dr. Afonso Costa.

Ora a verdade é que num país onde houvesse a noção das responsabilidades o sr. Afonso Costa, como o sr. Bernardino Machado, e todos os demais amigos da Sérvia que arrastaram o país à guerra, num país onde houvesse a consciência do bem e do mal, os partidários dessa aventura mil vezes criminosa que foi a nossa participação na guerra, seriam criaturas liquidadas politicamente sem possibilidade de vendê-las.

Cá, pensa-se que não deve ser assim. *Abysum, abyssum invocat.* É a inevitável derrocada que se aproxima, inevitável porque não são as forças socialistas que apressam e preparam o acto, mas as circunstâncias morais e materiais em que nos debatemos, a cegueira, a inépcia e a loucura dos que, talvez por troça, se pavoneiam de defensores do existente.

Pois venha a derrocada. O que virá depois? Seja o que for, pior ou melhor, é o inevitável. E quando um perigo se não pode evitar há que afrontá-lo corajosamente. A nau desarvorada pode ainda salvar as vidas que transporta se o timoneiro tiver pulso firme e golpe de vista audaz. Façamos a diligência por sermos nós os timoneiros, no momento de perigo, desta nau desmantelada, aliando ao mar, audaciosamente, a carga incómoda e encerrando nos portões aquela parte da tripulação hesitante e desmoralizadora.

DO MUNDO NOVO...

A RÚSSIA POR DENTRO

(DA ROSTA-WIEN)

O futuro regime de trabalho e a assistência aos mineiros

MOSCÓVIA, 9. — O comité central da federação dos mineiros organiza actualmente uma obra de socorro aos mineiros e suas famílias. O comité tem já 100 milhões de rublos à sua disposição. A direcção das minas de Donetz toma uma série de medidas tendo em vista a protecção dos mineiros. Todos os gémeos subterrâneos foram mobilizados e organizaram cursos de geometria subterrânea nas escolas de mineiros. Procedeu-se à instalação duma estação central de salvamento e serão organizadas várias pequenas estações perto da mina. Cria-se há um laboratório para exame do ar das minas. Tornar-se há particular cuidado com a ventilação. Todos os piques hufilheiros serão providos dum número suficiente de lupadas de segurança. O comissário de higiene pública enviou 30 médicos para o Donetz a fim de examinar a higiene das minas.

Os jovens operários menores de 14 anos não serão admitidos para trabalhar nas minas e deverão seguir o curso das escolas de mineiros. Serão alimentados e vestidos à custa do Estado. O dia de trabalho dos operários menores de 16 anos limita-se a quatro horas. Eles devem frequentar as escolas e serão, em parte, alimentados gratuitamente.

Na bacia hufilheira de Moscóvia abrir-se há em breve uma casa de repouso para mineiros. A casa de repouso encontra-se instalada numa antiga propriedade feudal rodeada por um parque. O programa escolar elaborado pelo comité central da federação dos mineiros prevê a criação de 2.700 escolas profissionais, cujas despesas de construção e de instalação são avaliadas em 292.250.000 rublos. A federação enviará anualmente 100 operários especialistas à escola superior das minas.

A exploração, pelo estrangeiro, das florestas russas

MOSCÓVIA, 9. — O bureau central de madeiras ocupa-se neste momento de delimitar os terrenos florestais na Sibéria e no norte da Rússia, que podem ser explorados em harmonia com as concessões feitas ao estrangeiro. Nos distritos de Tomen, Omusk, Tomsk e Iornsey poder-se há dar ao concessionário 614.300.000 desiatinas de floresta a explorar. Nestas explorações florestais ganha-se actualmente 4

milhões de metros cúbicos de madeira de construção e 8.500.000 metros cúbicos de madeira para a fabricação de celulose. A delegação comercial russa de Londres foi procurada por várias casas inglesas que desejam obter concessões de madeiras na Rússia. Elas pedem um total de 3.610.000 desiatinas para explorar. Já se fizeram alguns contratos preliminares com algumas dessas casas.

A GREVE DOS TRABALHADORES DOS JORNAIS

O pessoal das obras de "O Diário de Notícias" e o pessoal da gravura do mesmo jornal recusam-se a fazer serviços ao órgão das empresas

Apareceu finalmente o tam anunciado jornal colectivo das empresas, sendo recebido pelo publico com justificada desconfiança e merecida indiferença

A animação entre os jornalistas, revisores, gráficos e distribuidores dos jornais em greve mantém-se e com justificadíssima razão, pois cada dia mais um triunfo os grevistas alcançam. A simpatia do publico volta-se ostensivamente para os trabalhadores de jornais. A *Batalha* e as duas edições de *A Imprensa de Lisboa* tem esgotado as suas tiragens de milhares e milhares de exemplares.

As empresas conseguiram finalmente deitar ontem à luz o seu órgão, que já se não intitula *A Imprensa*, mas *O Jornal*. O publico, apesar de os vendedores apressarem: «Cá está o jornal *O Seculo*», recebia o órgão dos empregados das ruínas campanhas políticas e financeiras, com absoluto desprezo e merecida desconfiança. É que além da falta de prestigio moral, faltam à folha as qualidades essenciais de um jornal. Além de um artigo de fundo de ataque aos jornalistas profissionais, cheio de insinuações e veneno, *O Jornal* apresentou-se apenas com informação do estrangeiro e com uma página de anúncios de *A Pátria*, a maior parte dos quais tendo os seus contratos já findos. Torpe trua para iludir o comércio a fim de que acorra pressuroso ao balcão.

A falta de informação desmente de modo ineludível a afirmação feita pelas empresas de que apenas alguns redactores e informadores estão em greve. Enfim, o órgão das empresas desmerece do confronto com o órgão dos trabalhadores. E o que admira? Não eram estes que faziam os outros jornais? E terão eles, os industriais, o desprazer de repetir que são eles os «verdadeiros profissionais do jornalismo», depois de terem dado à luz, após tantas locubrações e esforço, aquela *manteiga*, como se diz em gíria dos vendedores?

A prometida edição noturna do órgão das empresas não apareceu, o que demonstra claramente a sua impotência, apesar do auxilio prestado pelo governo com a cedência de tipógrafos militares e civis.

O insucesso do órgão do bloco das empresas marca já uma superioridade dos grevistas sobre os patrões: a superioridade da competência, a capacidade directiva, demonstrando ao mesmo tempo, a inutilidade dos chamados directores.

Este é o maior triunfo dos grevistas, cujo moral, por isso mesmo, se acha cada vez mais fortalecido, o mesmo não se podendo dizer do moral das empresas, cujo bloco não tardará a desfazer-se dado o antagonismo de interesses existentes entre elas, além de que não procedem entre si com lealdade, antes cada uma se esforça por tirar o maior partido da situação. Depois... Depois o isolamento em que se encontram as empresas é cada vez maior. Além do afastamento do publico, os trabalhadores de todos os serviços indispensáveis ao jornal, recusam-se a servi-las. Ainda ontem o pessoal da gravura do *Diário de Notícias* declarou não trabalhar para outro jornal que não fosse aquele, e os jornalistas amarelos continuam também a recusar-se a trabalhar para outro jornal que não seja aquele para que foram contratados.

Mas há ainda mais a registar este acto de solidariedade, com os grevistas, do pessoal das obras do *Diário de Notícias*: ontem de tarde o encarregado do pessoal tipográfico de obras do *Diário de Notícias* distribuiu alguns serviços de composição relativos ao jornal. Aquele quadro, não desejando traír os seus camaradas em greve, recusou-se a prestar esse serviço ao bloco das empresas, pelo que, sendo dado conhecimento ao gerente, sr. Justino da Fonseca, este declarou que, por ordem do director sr. Augusto de Castro, era o pessoal considerado grevista, saindo a seguir das oficinas.

É para terminar, consta-nos ainda que alguns dos empregados das administrações também querem dar a sua adesão ao movimento. A comissão executiva do movimento pró-aumento de salário deliberou ontem tornar extensivas

As associações operárias nas suas últimas reuniões tem apoiado o movimento dos trabalhadores de jornais cujo desenrolar acompanham com interesse e simpatia.

Assim, a Associação dos Fragateiros aprovou ontem uma saludação aos grevistas e o pessoal da Imprensa Nacional aprovou por aclamação o seu apoio moral fazendo votos pela vitória das classes em greve.

— O Sindicato dos Operários Altaítes, na sua reunião de ontem para posse dos seus corpos administrativos, saudou os trabalhadores de jornais pela luta travada contra a imprensa exploradora, tendo se feito votos para que o jornal *A Imprensa de Lisboa* subsista depois de terminada a luta que motivou a sua aparição.

— O Sindicato dos Operários Altaítes, na sua reunião de ontem para posse dos seus corpos administrativos, saudou os trabalhadores de jornais pela luta travada contra a imprensa exploradora, tendo se feito votos para que o jornal *A Imprensa de Lisboa* subsista depois de terminada a luta que motivou a sua aparição.

TRABALHADORES:
Comprai «A Imprensa de Lisboa», órgão dos trabalhadores de jornais.
Fazei boicotagem a «O Jornal», órgão das empresas jornalísticas.

Boixevistas e ucranianos

Uma ofensiva do exército vermelho contra os últimos

BELGRADO, 20. — Trostky chegou a Kieff para dirigir em pessoa as operações militares contra os revoltosos ucranianos.

Segundo informações fidedignas, os insurrectos cercaram uma divisão boixevista e apoderaram-se de Ekaterinow, a 400 quilómetros a sudoeste de Kieff. — *Rádio.*

No México abate um dique

MEXICO, 20. — Abateu um dique na cidade de Pachuca. Ficaram afogadas vinte pessoas e trinta outras muito contusas. — *Rádio.*

Associação Anti-Alcoólica Operária

Reúne hoje, às 21 horas, na Calçada do Combro, 38-A, 2.º, a comissão organizadora para elaboração das bases e plano de propaganda intensiva contra o alcoolismo entre as classes trabalhadoras. Toda a correspondência e adesões deverão ser remetidas ao endereço acima.

TERMINOU ONTEM

A greve geral em Almada

A população resolveu retomar o trabalho, em virtude das promessas do sr. comissário dos abastecimentos

A falta de pão de segunda qualidade na vila de Almada, onde a população, quasi toda composta de trabalhadores, não pode pagar o de primeira qualidade, pelo seu elevado preço, deu origem à greve geral que, por uma forma bastante digna, o operariado daquela localidade manteve firmemente até ontem.

Como tinha sido resolvido, uma comissão delegada da U. S. O. de Almada procurou ontem o sr. comissário dos abastecimentos com quem se avisou apresentando-lhe a questão e fazendo-lhe sentir que a situação era melindrosa porquanto a população, não podendo pagar o pão de primeira e não encontrando o de segunda, ver-se-ia privada do primeiro elemento da alimentação, enquanto na fábrica de moagem do Camarajó, no próprio concelho, há farinha em abundância.

Respondendo o sr. comissário dos abastecimentos que, se o povo de Almada não tem todos os géneros de primeira necessidade, tais como açúcar, arroz e azeite, em quantidade suficiente para o seu consumo, isso se deve à falta de atenção da Câmara municipal, pois que esta, talvez por pressão exercida pelos comerciantes da localidade, não tem requisitado os géneros que o comissário dos abastecimentos tem posto ao seu dispor.

O sr. Peres Trancoso prometeu, contudo, tomar imediatamente as providências necessárias, dizendo que ia dar ordens no sentido de ser fornecida ao concelho de Almada farinha de segunda em bastante quantidade para que fosse garantido o consumo da população, como anteriormente à escassez que deu motivo ao movimento.

Em vista das promessas do comissário dos abastecimentos, a comissão voltou a Almada, transmitindo ao povo, que para esse fim reuniu junto à Câmara municipal, as disposições daquele senhor, pelo que foi resolvido retomar hoje o trabalho.

Como, porém, até à noite não tivessem chegado ordens do comissário dos abastecimentos para o fornecimento de farinha, foi nomeada uma nova comissão que hoje deve procurar novamente o sr. Peres Trancoso a fim de este senhor das cumprimentos às suas promessas de ontem.

Em S. Tomé, escassês

Aqui, abundância

Diz-nos um dos nossos informadores que o ministro das colónias recebeu um telegrama em que o governador de S. Tomé expõe a grave situação daquela província devido à falta de papel-moeda. Diz aquela autoridade que em consequência de tal facto torna-se impossível despachar qualquer navio, visto não haver dinheiro para o coorcor ao pagamento dos direitos aduaneiros; que o comércio e agricultura reclamam contra tal situação, que paralisa toda a sua actividade, e que se torna impossível a saída dos produtos da colónia e a importação de géneros de primeira necessidade.

Termina por pedir urgentes providências contra tal estado de coisas.

E sucede tudo isto por faltar em S. Tomé o que aqui abunda: papel, o miserio papel-moeda.

Cuidado com os «candrios»!

UM AVISO

Informa-nos a comissão executiva do movimento pró-aumento de salário dos trabalhadores dos jornais que alguns *candrios* (amarelos), dizendo-se grevistas, tem andado por várias associações a pedir notas, que destinam ao órgão das empresas jornalísticas.

A fim de pôr termo à torpe manobra, recomenda a referida comissão — e a *Batalha* reforça o aviso — que não forneçam quaisquer notas senão aos repórteres que apresentem um cartão de identidade com o carimbo da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal.

Os que não apresentem semelhante cartão devem ser considerados *amarelos* e como tal tratados.

Através da Polónia

Em volta da crise ministerial VARSOVIA, 20. — Por motivo da crise ministerial, celebrou-se uma reunião, em que tomaram parte os *leaders* dos partidos. O comité do partido popular sustentou a opinião de que pode continuar no governo o gabinete Mites, mesmo sem a colaboração dos socialistas.

Em todo o caso é muito provável que se levante uma crise completa antes de se firmar o tratado de paz russo-polaco. — *Rádio.*

Os ferroviários não votam a greve

VARSOVIA, 20. — Numa reunião de delegados ferroviários, convocada para discutir a oportunidade de uma greve dos empregados dos caminhos de ferro, foi emitida uma resolução contrária à greve, pelos inevitáveis prejuízos que acarretaria nas actuais circunstâncias, em que se vai celebrar o plebiscito na Alta Silésia. — *Rádio.*

V. ER NA 2.ª PÁGINA:

O Congresso de Tours

DEBATE DE OPINIÕES

A Revolução sem ditadura

Para evitar confusões

Depois da ligeira análise feita à *Ditadura do Proletariado*, de C. Rates, vou numa pequena série de artigos dizer o que entendo se deve fazer para se chegar à revolução social sem a ditadura exercida pelos revolucionários, completando depois com o que se me afigura realizável já, para facilitar aquela revolução. E antes de tudo, definamos os termos.

Sabe-se que uma das principais causas de mal-entendidos e de discussões, é a diferença de interpretação dada aos termos de que nos servimos. Quantas vezes acontece não se entenderem palavras que, no fundo, estão de acordo, só porque não se começou por onde se devia ter começado, por onde se deveria sempre começar, por cada um definir os termos fundamentais de que se serve.

Já o caso se tem dado com a expressão, tam empregada actualmente, de *ditadura do proletariado*.

É assim que já me tem acontecido acabar por me declarar pela ditadura do proletariado, vista a forma como o meu suposto antagonista a entendia, ou ele se declarava contra, pela forma como eu a considero; e do antagonismo nascer o acordo, com muita satisfação de ambas as partes.

Quanto a antagonismos de ideias e de coisas, piores desapareceriam, dando lugar ao acordo e a todo o bem que dele resulta, se cada um se explicasse sobre os termos que emprega! Mas como não se faz isso, quanto mais se discute mais afastados se encontram uns dos outros, tendo, quantas vezes partido do mesmo ponto e querendo dirigir-se para o mesmo ponto também. São lidos dum ângulo que se vão prolongando, até que se perdem de vista. É da abundância destes ângulos que é feita uma boa parte da fraqueza dos revolucionários.

Muito mal nos iria, se, a compen-sar, não existissem também muitos ângulos da mesma espécie no campo oposto. É que o defeito é geral e comum a todas as questões.

Entendamo-nos, portanto, antes de tudo, sobre os termos *Revolução e Ditadura*.

O que importa, neste lugar, não é definir com exactidão os dois termos, mas fixar a significação que eu lhes dou; e é através dessa significação, e não de outra, que eles tem de ser considerados, para se poder avaliar, com justiça, o que pretendo com a *revolução sem ditadura*.

Num artigo de E. Malatesta, (*Batalha*, 19 de Setembro de 1911) vem a seguinte passagem que define o que é a ditadura para muitos revolucionários, que se dizem seus partidários:

«Talvez que os nossos amigos bolxevistas, com a expressão «ditadura do proletariado», queiram apenas dizer o acto revolucionário dos trabalhadores que tomam posse da terra e dos instrumentos de trabalho e procuram constituir uma sociedade, organizar uma forma de convivência social em que não haja lugar para uma classe que explore e oprima os produtores. Compreendida assim, a «ditadura do proletariado» seria o poder efectivo de todos os trabalhadores ocupados em lançar por terra a sociedade capitalista; e tornar-se-ia na *anarquia*, logo que cessasse a resistência reaccionária e mais ninguém pretendesse obrigar, pela força a massa a obedecer-lhe e a trabalhar para ele. E então a nossa discordância não passaria duma questão de palavras. *Ditadura do proletariado* significaria ditadura de to-

dos, isto é, já não seria ditadura, como governo de todos deixa de ser governo, no sentido autoritário, histórico, prático da palavra.»

Ora, como Malatesta diz depois, na Rússia «trata-se de ditadura própria, dita, com os seus decretos, as suas sanções penais, os seus agentes executivos e sobretudo a sua força armada...» E desta ditadura que C. Rates e outros são partidários; e é a essa que me refiro, sempre que falo em ditadura do proletariado.

As diferenças de interpretação são maiores ainda quando se fala em *revolução*. A esta palavra andam ligadas as mais variadas e por vezes estranhas significações.

A mais vulgar, é a que atribui à revolução o papel de substituir um governo por outro, empregando para esse efeito, a força das armas, quer demos à palavra governo um sentido largo ou restrito. É duma maneira geral, uma substituição de poderes publicos, acompanhada de lutas à mão armada.

É assim que cabem dentro desta interpretação da palavra revolução, transformações como a Revolução Francesa dos fins do século XVIII ou a actual Revolução Russa e os numerosos actos que todos os países conhecem, do tipo por exemplo, do nosso 14 de maio de 1915.

Chama-se também revolução a golpes de Estado, a conspirações palacianas, a simples revoltas que não conhecem o triunfo, a modificações na administração dum país feitas por um governante enérgico, etc. Também não é para aqui discutir a legitimidade de todas estas interpretações, como não pretendo discutir, para a defender, a significação que, neste trabalho, dou à palavra revolução, pois não se trata disso.

Trata-se apenas, como para a expressão *ditadura do proletariado*, de fixar a significação dum termo, para evitar confusões.

A revolução sem ditadura, implica, evidentemente, que se não trata de substituir os poderes publicos por outros quaisquer, visto que todo o poder, saído imediatamente dum acto revolucionário, é necessariamente ditatorial, por muito curta que seja a sua duração. Não se trata portanto duma revolução política, no sentido vulgar, mas da revolução social, que visa a transformar a estrutura da sociedade em todos os seus aspectos ou, pelo menos, nos seus aspectos mais importantes.

A característica política da revolução de que sou partidário, é não ser política, isto é, não ser governamental. Podemos pois dizer, sem pretendermos definir, que a revolução social é a transformação operada fora da legalidade visando, politicamente, à destruição do Estado; economicamente, à socialização da terra e dos instrumentos de trabalho, e, dum modo geral, à abolição da autoridade imposta pela força.

Emílio COSTA

AMANHÃ:

«Bate, mas ouve!»
Artigo de Carlos Rates

O preço do açúcar

Consta que vai ser publicado o decreto fixando provisoriamente o preço do açúcar amarelo em \$61 nas refinarias e em \$63 para o publico.

BOLSA DE TRABALHO

«A Batalha» aceita de hoje em diante anúncios de «Precisa-se» ao preço de 5 centavos a linha, e de «Oferece-se»... absolutamente gratis ...

Em virtude da suspensão dos diários das empresas jornalísticas e dada a grande tiragem de *A Batalha*, um dos jornais de maior circulação em Lisboa e o mais disseminado entre as classes trabalhadoras, julgamos oportuno dar a essas classes a maior facilidade na procura de emprego ou qualquer colocação.

Assim é que de hoje em diante resolvemos receber anúncios de *Precisa-se* e *Oferece-se*, isto é, de colocação para serviços domésticos ou de qualquer outra natureza nas seguintes condições: para os que procuram trabalho, a publicação do anúncio será gratuita desde que não exceda três linhas de coluna estreita pagando por cada linha a mais apenas cinco centavos; para os que precisam de empregados 5 centavos cada linha.

Não precisamos encarecer as vantagens desta concessão que fazemos em benefício das classes proletárias, que são precisamente as que mais carecem de recorrer a este género de anúncios.

Anúncios de «Compra-se», «Vende-se» e «Trespasa-se»

A par da *Bolsa de Trabalho*, *A Batalha*, para acudir às necessidades do publico privado dos jornais anunciadores, aceita também desde hoje anúncios de *Compra-se*, *Vende-se* e *Trespasa-se* ao baratíssimo preço de vinte centavos nos excedendo três linhas e dez centavos por cada linha a mais.

Toda a gente é hoje testemunha do extraordinário e permanente desenvolvimento que tem tido a circulação desta folha que já goza da iniludível preferência do povo que em *A Batalha* sempre encontra a defesa e o patrocínio de todos os seus interesses, quer de ordem social, quer de ordem económica. E é por isso que estabelecendo de hoje em diante estes pequenos anúncios estamos certos de ir, neste momento, ao encontro das justas conveniências do publico.

Acceptam-se anúncios nas agências: Rua Augusta, 270, 1.º; Rua Aurora, 30; — Rua dos Retrozeiros, 147.

